

A PEDAGOGIA RACIOVITALISTA E A DIDÁTICA SENSÍVEL DE CRISTINA D'ÁVILA

José Marcos Ernesto Santana de França

Resumo

A Prof^a. Dr^a. Cristina d'Ávila pode ser colocada na condição de autoridade acadêmica sobre didática e docência universitária, comprovada não só pela sua atuação acadêmica como docente da disciplina e pesquisadora da área, mas também pelas várias publicações de livros, capítulos de livro e artigos em periódicos voltados para os temas da educação, didática e, principalmente, sobre docência na educação superior e formação de professores. Nesse passo, o maior destaque de seu trabalho são as propostas de uma pedagogia raciovitalista e de uma didática sensível numa abordagem multirreferencial, que tem como base a epistemologia da prática, de Maurice Tardif, a teoria raciovitalista, de Michel Maffesoli, e a teoria da complexidade, de Edgar Morin, cujo foco principal é a formação continuada de professores universitários. Nesta entrevista, a autora conversa sobre o ateliê didático, a didática sensível e a pedagogia raciovitalista, e o que há em seu entorno.

Palavras-chave: ateliê didático; didática sensível; pedagogia raciovitalista.

CRISTINA D'ÁVILA'S RACIOVITALIST PEDAGOGY AND SENSITIVE DIDACTICS

Abstract

The Doctor teacher Cristina d'Ávila can be placed as an academic authority on didactics and university teaching, proven not only by her academic performance as a teacher of the discipline and researcher in the area but also by the various publications of books, book chapters and articles in periodicals focused on the themes of education, didactics and, mainly, teaching in higher education and teacher training. At this point, the biggest highlight of his work are the proposals for a raciovitalist pedagogy and a sensitive didactics in a multi-referential approach, which is based on the epistemology of practice, by Maurice Tardif, the raciovitalist theory, by Michel Maffesoli, and the complexity theory, by Edgar Morin, whose main focus is the continued training of university teachers. In this interview, the author talks about the didactic workshop, sensitive didactics and raciovitalist pedagogy, and what is around them.

Keywords: didactic workshop; sensitive didactics; raciovitalist pedagogy.

LA PEDAGOGÍA RACIOVITALISTA Y LA DIDÁCTICA SENSIBLE DE CRISTINA D'ÁVILA

Resumen

La Profesora doctora Cristina d'Ávila puede ubicarse como una autoridad académica en didáctica y docencia universitaria, demostrado no sólo por su desempeño académico como docente de la disciplina e investigadora en el área sino también por las diversas publicaciones de libros, capítulos de libros y artículos. en publicaciones periódicas enfocadas a los temas de educación, didáctica y, principalmente, docencia en la educación superior y formación docente. En este punto, lo más destacado de su obra son las propuestas de una pedagogía raciovitalista y una didáctica sensible en un enfoque multirreferencial, que se fundamenta en la epistemología de la práctica, de Maurice Tardif, la teoría raciovitalista, de Michel Maffesoli, y la teoría de

la complejidad. de Edgar Morin, cuyo enfoque principal es la formación continua del profesorado universitario. En esta entrevista, el autor habla sobre el estudio didáctico, la didáctica sensible y la pedagogía raciovitalista, y lo que hay a su alrededor.

Palabras clave: estudio didáctico; didáctica sensible; pedagogía raciovitalista.

INTRODUÇÃO

A Prof^ª. Cristina d'Ávila é mestre e doutora em educação pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) e professora titular de didática nessa mesma instituição. Com três estágios de pós-doutoramento no currículo – dois no Canadá, na Universidade de Montreal (em didática; o último, na condição de professora visitante) e um na França, na Universidade Sorbonne Paris V (em docência universitária), sob a supervisão do Prof. Dr. Michel Maffesoli – a professora tem uma vasta produção que versa sobre didática, ludicidade e formação de professores, especialmente na educação superior. Os três estágios tiveram como temática de estudo a didática e a formação continuada de professores universitários. Do estágio na França, resultou um livro lançado em 2022, pela Editora Cortez: *Didática sensível: Contribuição para a Didática na Educação Superior*¹, que é uma retomada de sua tese do concurso para professora titular da UFBA. A Prof^ª. Cristina d'Ávila é líder do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação, Didática e Ludicidade (GEPEL). É também coordenadora do Núcleo de Formação e Assessoria Pedagógica (NUFAP), vinculado à Pró-Reitoria de Graduação da Universidade Federal da Bahia, no qual desenvolve um projeto – “Ateliê Didático” – voltado para a formação continuada de professores que atuam na educação superior, mais especificamente, os docentes da UFBA. Da experiência e dos resultados obtidos com o “Ateliê Didático”, o Grupo publicou a obra *Ateliê Didático: uma Abordagem Criativa na Formação Continuada de Docentes Universitários* (2018), organizada por Cristina d'Ávila e Ana Verena Madeira. A base teórica que orienta os trabalhos do ateliê é multirreferencial: a didática sensível, a epistemologia da prática e a fenomenologia existencial são algumas dessas referências epistemológicas. A didática sensível, por sua vez, é o cerne da proposta implementada pelo ateliê, pois é um dispositivo teórico-metodológico defendido pela Prof^ª. Cristina d'Ávila. Ela está sustentada pela pedagogia raciovitalista (ancorada na teoria raciovitalista, de Michel Maffesoli) e pela epistemologia da complexidade (proposta por Edgar Morin). É sobre o ateliê didático, a pedagogia raciovitalista e a didática sensível, e o que há em seu entorno, que conversamos, nesta entrevista, com a Prof^ª. Dr^ª. Cristina Maria d'Ávila Teixeira, ou simplesmente Cristina d'Ávila, como ela prefere assinar seus trabalhos.

ENTREVISTA

Marcos de França: Prof^ª. Cristina d'Ávila, em primeiro lugar, agradeço por ter aceitado o convite para esta entrevista. A primeira pergunta versa sobre a ação concreta do seu fazer didático-pedagógico: o “ateliê didático”. Por que “ateliê didático”? O que é o “ateliê didático” e qual é o seu objetivo?

¹ FRANÇA, José Marcos Ernesto Santana de. Por uma didática sensível na educação superior: uma proposta de revisão paradigmática no ensino superior. Resenha. *Eccos - Revista Científica*, São Paulo, n. 71, p. 1-5, e26869, out./dez., 2024. Resenha da obra de D'ÁVILA, Cristina. *Didática sensível: contribuição para a didática na educação superior*. São Paulo: Cortez, 2022. 175 p.

Cristina d'Ávila: Ateliê didático é um título que foi dado por mim a um processo de formação de professores universitários que tem na experiência profissional, na prática dos professores, a sua origem e o seu ponto de partida, portanto, é também o seu ponto de chegada, a *práxis* ressignificada. A palavra ateliê remonta à ideia de experimentação, de criação, espaço onde artistas normalmente desenvolvem seu labor. Por esse motivo, pensei em *ateliê* e não exatamente em *oficina*, que também é um espaço de experimentação, mas não necessariamente de criação. E para nós, a formação de professores tem que passar por um processo de criação, de ressignificação de práticas, compreensão profunda das coisas, pensar crítico e também criativo. Então, nesse sentido, ateliê é esse espaço onde professores universitários devem repensar seu *saber-fazer* a partir da problematização da própria prática e ressignificação dos seus conteúdos, das suas concepções acerca dos próprios saberes didáticos e pedagógicos que dizem respeito às questões de planejamento, inclusive do seu papel como ator social e como profissional, mediador de saberes. O ateliê didático pressupõe também que esses professores se envolvam com autoria nos processos de formação didático-pedagógica e que tem, como previsto também, as ideias de autoformação, heteroformação e ecoformação. Autoformação, no sentido de que eles próprios se avaliam e ressignificam suas concepções. Heteroformação, porque somos uma equipe de formadoras no Núcleo de Formação e Assessoria Pedagógica (NUFAP) que tem por objetivo, portanto, formar, assessorar e acompanhar os docentes em seus processos de formação e desenvolvimento profissional. E ecoformação, porque acreditamos que os professores se formam em parceria com seus colegas, numa atitude de compartilhamento de saberes que o espaço do ateliê didático também oferece. Então, resumindo, o ateliê didático, dentro da UFBA, é um dispositivo, ou um curso, se quiser chamar assim, de formação continuada didático-pedagógica de professores. E este curso visa justamente essa mobilização e compreensão dos saberes pedagógicos desses professores, tendo em vista a ressignificação de sua prática e mediante uma fundamentação teórica que está muito baseada na didática sensível.

MF: Pelo que a senhora expõe no livro *Ateliê Didático* e em outros artigos publicados em parceria com os membros do GEPEL, o foco principal do trabalho com os professores universitários é a didática sensível. O que é a didática sensível? Como a senhora a definiria?

CD: Olha, essa é uma questão importante que requer uma resposta muito fundamentada. A didática sensível (DS) é uma formulação, uma elaboração de minha autoria, que venho construindo há muitos anos. Quando escrevi meu doutorado em 2001, falei pela primeira vez na ideia de constituição de um trabalho com o “saber sensível” que pudesse se erigir a partir de um fazer criativo que hoje experimentamos nos ateliês didáticos. A didática sensível surge de muitas inquietações da minha parte, como, por exemplo, insatisfação com o academicismo, com a concepção racionalista, instrumental, que é conferida às práticas pedagógicas de muitos professores universitários. O mundo acadêmico é um mundo muito fechado. É um mundo de práticas, de profissionais, muito isolacionistas, com pouco diálogo. Não quero generalizar, porque sei que há muitas experiências interdisciplinares e diferenciadas. Porém, em linhas gerais, o que se vê no ensino universitário, principalmente da parte de professores bacharéis, aqueles que não passaram por formação pedagógica, ou se passaram por formação pedagógica esta esteve voltada para a educação básica e não para o ensino superior. Então, em geral, professores universitários assumem a sala de aula com um certo desconhecimento de conhecimentos didáticos e pedagógicos necessários à docência. A minha elaboração sobre a didática sensível veio também de uma inquietação que parte da observância de estudantes que não veem suas realidades muito visibilizadas por falta de um trabalho que possibilite o vir à tona das subjetividades dos jovens,

também o descompasso entre o discurso acadêmico muito focado no enciclopedismo e a revolução tecnológica, o advento da cibercultura e de uma certa realidade ubíqua, inserida na sociedade da informação. Tudo isso me levou a pensar em uma didática que pudesse, a meu ver, fazer frente a tantas transformações que efetivamente aconteciam no tecido social. Dito isso, eu passei a ler Michel Maffesoli desde que entrei no programa de pós-graduação como professora e o livro dele, *Elogio da Razão Sensível* (2005), muito me despertou para esse saber ancestral, esse saber sensível, como ele disse, que todos nós possuímos e que vive anestesiado em muitos de nós. Eu li também Duarte Júnior, que é um educador brasileiro, um arte-educador, que escreveu um livro chamado *Educação do Sensível*. A partir daí comecei a engendrar uma didática, um pensamento didático, uma epistemologia didática que compreendesse o conhecimento produzido a partir de uma racionalidade aberta, orgânica, a partir do reconhecimento das subjetividades humanas, inclusive dentro da sala de aula. A didática sensível parte de um saber didático que foi se construindo e se tecendo pelo encontro inevitável entre razão, emoção e corporeidade; a percepção de que o corpo ficava muito fora da sala de aula, as questões sensoriais, as questões emocionais, um calar de espíritos que, a meu ver, me desencantavam muito na educação. Eu passei um ano trabalhando nisso, nesse pós-doutorado que fiz na França, na Paris V. Entrevistei Michel Maffesoli e o mesmo me deu aval para a construção desta didática. Esta entrevista está publicada no meu livro *Didática Sensível*, publicado no ano de 2022. A didática sensível surge assim e, por assim dizer, é uma ramificação de uma “pedagogia” também do sensível, que eu chamo de “raciovitalista”, porque essa é a teoria que Michel Maffesoli construiu, o raciovitalismo, com base em Ortega y Gasset. Acreditando, portanto, a partir desta racionalidade sensível de Maffesoli e da teoria da complexidade, de Edgar Morin, fui engendrando um conhecimento didático que hoje eu chamo de didática sensível, que está ligada à pedagogia raciovitalista. É pensar o sujeito na sua integralidade, *sentir, pensar, agir ou emoção, corporeidade e razão*.

MF: A senhora, em coautoria com as Prof^{as}. Dr^{as}. Giovana Zen e Denise Guerra, em artigo publicado em 2020, apresenta as bases epistemológicas da didática sensível e isso é retomado no livro publicado em 2022, *Didática Sensível*, que é o resultado de uma tese defendida para professor titular na UFBA. E o que a levou, a impulsionou a propor essa didática?

CD: Ela surge desde o doutoramento que fiz, no qual fazia uma pesquisa sobre o ensino de língua portuguesa e o eclipse didático que causava o livro didático nesse ensino. Então era uma tese sobre mediação didática. Porém, eu trazia no último capítulo já a insinuação da “didática sensível”, quando eu dizia que acreditava em uma educação que considerasse o pensamento, a corporeidade e as emoções em uníssono, e que também considerassem as linguagens artísticas como fundamentais ao processo didático. Que considerassem o ser humano nessa sua inteireza. Que levassem em conta a ludicidade, inclusive, como princípio formativo e organizativo da práxis pedagógica. Também, e por conta de uma série de insatisfações com a pedagogia tradicional e tecnicista como correntes pedagógicas hegemônicas, eu me vi muito tentada e influenciada a pensar em outra proposta didática. A partir de 2006, comecei a lecionar, na pós-graduação, o componente “Arte e Ludicidade na Formação de Professores” e já vinha desenvolvendo em minhas aulas muito do que hoje eu falo na teoria: os princípios da vivência plena dos conteúdos através da linguagem artística, a “experivivência”; o princípio da sensibilização sempre a partir de metáforas lúdicas e criativas, através da música, através de imagens, de filmes, enfim, os princípios eu comecei a vivenciar muito cedo, então, na pós-graduação e também na graduação, cada vez com maior intensidade. Em 2015, desenvolvi um pós-doutorado na França sob a supervisão de Michel Maffesoli, e publiquei *Razão e Sensibilidade na Prática de Ensino Universitário*, publicado pela revista

científica *Em Tempo*. A partir dali, com os dados da pesquisa que eu levei para o pós-doutorado, comecei a engendrar a teoria da didática sensível (TDS). Então, foi a “fome com a vontade de comer” que se encontraram, questões internas que me mobilizaram, faltas que sentia na práxis educativa, de modo geral e na minha de modo específico, e o encontro com a teoria de Michel Maffesoli, o raciovitalismo, que em grande medida correspondia ao que eu pensava que fosse e devesse ser o fenômeno educativo integrado e que pulsasse vivo e não que fosse um fenômeno transmissional de verdades amorfas e sem vida. Acreditava muito mais num trabalho que brotasse do saber sensível das pessoas, da capacidade de sentir as coisas, de vivenciar com inteireza os conhecimentos e para isso eu precisava trazer à luz a subjetividade e o trabalho com as linguagens artísticas e com as metáforas.

MF: Em que a didática sensível se diferencia das outras didáticas, basicamente? Quais os princípios que a norteiam?

CD: O que a diferencia das demais didáticas talvez seja o seu traço inovador de reunir a necessária integridade do ser humano, que são suas capacidades vitais de sentir, de pensar e de agir, e não pensar nessas capacidades de modo separado. São dimensões do humano, melhor dizendo, a dimensão do pensar racional, do sentir corporal e também emocional. Simplificando, porque a coisa é mais complexa. Eu divido os princípios da didática sensível em *princípios filosóficos*, *princípios psicopedagógicos* e *princípios operacionais*. Os princípios filosóficos estão explicitados nos fundamentos raciovitalistas e também estão explicitados alguns deles na teoria da complexidade, de Edgar Morin. Da teoria raciovitalista, de Michel Maffesoli, podemos citar as características do saber sensível, da razão aberta, do pensar orgânico, da estesia e da estética que abrem canais sensoriais, emocionais, corporais, além dos cognitivos, para a apreensão dos objetos de conhecimento. Do ponto de vista filosófico também, eu trago a epistemologia da complexidade, principalmente a perspectiva dialógica, que é essa comunicação em interação múltipla entre os seres humanos, no caso da sala de aula, em uma relação *todos-todos*. Não existe uma relação unilateral numa sala de aula a partir da DS. É uma relação em que todos são mediadores. E trago também essa questão da recursividade, que é uma característica da epistemologia complexa, em que o autor pondera muito sobre as relações amplas entre os fenômenos do mundo e da vida. Portanto, esse princípio da recursividade é muito presente também na didática sensível, porque os saberes não estão, como se diz, não são vistos de forma fragmentária, mas no *religare*. Do ponto de vista psicopedagógico, a DS vai sorver principalmente da fonte de Howard Gardner, que é o autor da Teoria das Inteligências Múltiplas. É um autor que tece críticas ao construtivismo, considerado por ele como monolítico, porque trabalha com uma única forma de inteligência, que é o raciocínio lógico. E ele vai dizer que existem outras formas de inteligência: corporal, emocional, musical, espacial, pictórica etc. O principal é entender a pluralidade das capacidades humanas de sentir, pensar, agir, que Gardner traz e que eu recupero também na DS. Uma outra teoria que eu trago brota da teoria sociointeracionista de Vygotsky. Trabalho a partir do seu conceito de aprendizagem mediada ou de mediação cognitiva, que eu ressignifico, porque não falo em mediação somente cognitiva, eu falo em mediação cognitiva e sensível dos objetos de conhecimento, que é a forma de aprender não só com a inteligência intelectual, mas também sensorial e emocional. É sobre a mediação cognitiva, ao qual acresço a mediação sensível, que desempenhamos a mediação didática enquanto professores. Os princípios operacionais da DS partem sempre de uma sensibilização em relação aos objetos de conhecimento, porque a gente pressupõe uma abertura, a criação de um estado de prontidão nas pessoas para o aprender. E isso se consegue através de atividades lúdicas ou atividades sensíveis com a linguagem artística, que propiciam a abertura de outros canais para a

inteligência humana, que não se circunscrevem apenas no aspecto intelectual. Então, é muito importante a fase da sensibilização através das metáforas, portanto, a etapa da metaforização é que leva à imaginação, ao pensar criativo. A imaginação abre portas para o pensamento criativo, porque as metáforas, a contemplação de uma obra de arte, por exemplo, nos leva a pensar além. Significa também abrir as possibilidades para que o pensar criativo emergja. Segundo Gardner, e eu concordo com ele, todo ser inteligente é criativo. Muitas vezes essa criatividade fica embotada, e nós temos que desvelar esse embotamento, não é? A imaginação é muito importante. Mas também, é muito importante problematizar para podermos aguçar o pensamento lógico. Porque nós também precisamos do pensar lógico e não vamos negar essa capacidade que temos que é fundamental na constituição da nossa mente. Esses são os princípios operacionais da DS.

MF: Uma das bases da didática sensível é a pedagogia raciovitalista. Essa proposta, de uma “pedagogia raciovitalista”, já está em Maffesoli ou é uma proposta de Cristina d’Ávila a partir da teoria raciovitalista proposta pelo autor?

CD: Outra pergunta, também, bastante ampla. a base da didática sensível, claro, é a pedagogia raciovitalista, que por sua vez está baseada na teoria raciovitalista, de Michel Maffesoli, mas não só. A ideia, principalmente do saber sensível, os princípios que ele traz do pensamento orgânico, que ele traz da razão aberta, da estesia, tudo isso que ele traz no raciovitalismo, eu recupero na didática sensível, mas também trabalho com outros fundamentos. Estou falando aqui dos fundamentos filosóficos, da pedagogia raciovitalista e da didática sensível. A epistemologia da complexidade é também um outro fundamento, um alicerce sobre o qual eu erijo a pedagogia raciovitalista, considerando também como princípios filosóficos a questão da recursividade, o princípio holístico e a perspectiva da dialogia que traz Edgar Morin na sua formulação teórica. Essa questão da percepção de que nós fazemos parte desse todo, desse universo, nós não estamos separados das coisas, das pessoas; não temos certezas como a ciência positiva nos fez crer, dos fenômenos naturais ou sociais como respostas únicas a uma única causa, numa perspectiva muito unilateral de verdade científica. Advoga-se, então, a compreensão de um mundo tecido junto. A ideia do complexo não significa nada complicado ou confuso, muito pelo contrário, significa que as coisas são entretecidas num conjunto – é o *religere* de Edgar Morin que defende a ideia de que o todo é maior do que a soma das partes. Como diz Morin, o todo e as partes se transformam em outras totalidades. A formulação química da água é um exemplo: o que é a água, se não a consequência de elementos químicos que se combinam em duas moléculas de hidrogênio e uma de oxigênio, dando origem a uma outra substância, portanto, a uma outra totalidade?

MF: Diante da pergunta anterior, como a senhora definiria, então, a pedagogia raciovitalista? E quais os princípios que a norteiam?

CD: Esses princípios são muito caros para a pedagogia raciovitalista que traz a visão da educação religada, ou seja, é uma educação que compreende os seres humanos como parte dessa rede. Então, quando eu trago a didática para a sala de aula, para meus alunos, eu não trago como um conhecimento autônomo, mas um conhecimento que depende de uma compreensão psicológica, de uma compreensão sociológica, histórica, política, social; uma compreensão do ato educativo e dos seres humanos em suas relações. Então, não é uma pedagogia diretiva como foi a pedagogia tradicional, explicacionista, de resultados, como quis a pedagogia técnica. Não é uma pedagogia que vise somente ao autodesenvolvimento, a construção individual de conhecimentos, como quis também a Escola Nova, o construtivismo. Então, é uma pedagogia que vê os conhecimentos, os objetos de conhecimento de uma forma integrada e também os nossos alunos

como seres integrais, corpo, mente, espírito e conectados com essa totalidade. É essa beleza que eu quero para a compreensão do fenômeno educativo.

MF: Professora Cristina d'Ávila, agradeço por nos proporcionar conhecer um pouco mais sobre a didática sensível e a pedagogia raciovitalista.

CD: Um grande abraço e muito obrigada pela oportunidade de falar sobre a didática sensível.

REFERÊNCIAS

D'ÁVILA, Cristina. *Didática sensível: contribuição para a didática na educação superior*. São Paulo: Cortez, 2022.

D'ÁVILA, Cristina; MADEIRA, Ana Verena (org.). *Ateliê Didático: uma abordagem criativa na formação continuada de docentes universitários*. Salvador: EDUFBA, 2018.

D'ÁVILA, Cristina. Razão e sensibilidade na prática de ensino universitário. *Em Aberto*, Brasília, v. 29, n. 97, p. 103-118, set./dez. 2016.

DUARTE JÚNIOR, João Francisco. *O sentido dos sentidos: a educação (do) sensível*. 3. ed. Curitiba: Criar, 2004.

MAFFESOLI, Michel. *Elogio da razão sensível*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

Submetido em maio de 2024

Aprovado em maio de 2025

Informações do autor

José Marcos Ernesto Santana de França
Universidade Regional do Cariri (URCA)

E-mail: marcos.franca@urca.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2328-9500>

Link Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1631959017573810>